



CORPOS QUE DESLIZAM NO TEMPO: CANTAR PARA EXISTIR

BODIES THAT SLIDE THROUGH TIME: SINGING TO EXIST

*Aline Da Silva Pinto
Gustavo Roese Sanfelice
André Luiz dos Santos Silva
Alessandra Fernandes Feltes*

Resumo: O presente estudo, tem por objetivo compreender os processos dialógicos entre corpo, velhice e sociedade em um grupo de mulheres cantoras, em um grupo de canto, na cidade de novo Hamburgo-RS. Um estudo qualitativo com inspiração etnográfica, cujos instrumentos foram: análise de acervo, entrevistas, observações, diários de campo e memoriais descritivos. As mulheres do grupo significam sua participação no coro como forma de existir no mundo. Os movimentos repetitivos e a sincronia são pontos importantes para o grupo, com a ideia de distância do estereótipo da velhice. As perdas são continuamente comentadas, tornando esse espaço num lugar de fixação, um lugar que permanece num momento de transitoriedade.

Palavras-chave: Corpo. Velhice. Mulheres.

Abstract: The objective of this study is to understand the dialogical processes between body, old age and society in a group of women singers, in a singing group, in the city of novo Hamburgo-RS. A qualitative study with ethnographic inspiration, whose instruments were: collection analysis, interviews, observations, field diaries and descriptive memorials. The women of the group meaning their participation in the choir as a way of existing in the world. Repetitive movements and synchrony are important points for the group, with the idea of distance from the stereotype of old age. Losses are continuously reported, turning this space into a place of fixation, a place that remains in a moment of transition.

Keywords: Body. Old age. Women.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O presente texto, se trata de parte de uma pesquisa de doutoramento, que se encaminhou para a ampliação de investigações e perspectivas acerca da velhice na contemporaneidade. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é compreender os processos de diálogo entre corpo, velhice e sociedade em um grupo de canto coral, com mais de vinte anos de existência, situado na cidade de Novo Hamburgo-RS, composto por, em média, 50 mulheres com idade superior a 60 anos.

A pesquisa, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, ocorreu de 2017 a 2019, com a inserção da pesquisadora como observadora e proponente de atividades relacionadas ao movimento e preparação do corpo para o canto. Nesse período, também ocorre um processo de criação em Dança para a comemoração do



higienistas tomam nova forma. As aparências talhadas pela ideia de um corpo corrigido, trabalhado, limpo e exercitado eram valorizadas nesse período (STIKER, 2009).

Para Foucault (2008a), são técnicas minuciosas e até íntimas que são importantes para a definição dos investimentos políticos e detalhados dos corpos. Arranjos sutis, aparentemente inocentes, mas suspeitos, que dão atenção às minúcias em direção à disciplina como uma anatomia política do detalhe.

Dentre elas, são escolhidas representantes que se ocupam das contenções relacionadas à disciplina vista como necessária para o grupo. A valorização dos ideais disciplinadores está em seus corpos, elas vigiam umas às outras e se autorregulam. Como vemos nos corpos na segunda metade do século XVIII: “corrigiram-se aos poucos as posturas, lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos” (FOUCAULT, 2008a, p.117).

Por vezes, escapam dessas amarras, expressam-se, tomam espaço. Algumas mais timidamente, outras extravasam (riem alto, gesticulam muito e movimentam-se de forma “irregular”), os olhares entre elas são cortantes, e por isso rapidamente voltam às posturas conservadoras de sempre, principalmente por parte das líderes do grupo, provenientes das famílias mais tradicionais da cidade.

O lugar do canto é mais do que público, está para além do espaço interno de suas casas; lá, outros movimentos são possíveis mesmo que o controle esteja presente. Preocupam-se em manter aparências “respeitáveis”, porém “surpreendentes”, buscam ajustes do corpo que envelhece em uma sociedade que prestigia a juventude. Os jogos de seus corpos transitam nas aparências que julgam mais ou menos aceitáveis.

O interior subjetivo é avaliado pela aparência, como se o corpo fosse o principal indicador do que há de melhor e pior em cada um (SANT’ANNA, 2007). O corpo é moldado pelo contexto social e cultural no qual nos inserimos, é o vetor semântico pelo qual a relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, ritos de interação, conjunto de gestos, produção da aparência, jogos de sedução,



técnicas corporais, isso nos leva à ideia de que a existência é corporal (LE BRETON, 2006).

Ortega (2008) salienta que, em nossa cultura, a aparência tem grande valor, ser o que se aparenta ser e estar exposto aos olhares dos outros, tornando os sujeitos dependentes do olhar do outro, como se fosse impossível existir fora desse olhar. A única maneira de escapar da tirania da aparência é se conformando à norma, ou somos idênticos ou nos denunciamos.

Os corpos das mulheres velhas deslizam para fora dos limites aceitáveis pelas políticas de disciplinamento dos corpos, não mais “produzem” e estão sob outras formas de controle. As prescrições e obrigações impostas, a precisão na decomposição dos gestos, dos movimentos e os ajustes do corpo aos imperativos temporais (FOUCAULT, 2008a) não são possíveis. Os ritmos geracionais colidem, os tempos balizados pela juventude tornam ineficientes os corpos avançados na idade.

Uma das coralistas mostrou-me suas mãos inchadas devido ao apoio após uma queda, outra queda relatada no dia de hoje... Ela não se lamentou, apenas reclamou das calçadas e disse que não quis deixar de vir. Uma mulher que parece forte percebe suas primeiras fraquezas, parece lidar bem com a situação, diz não esmorecer para o canto... Perdas, detalhes do cotidiano que transformam a significação da vida. (DC 12, 02/05/18).

Para Le Breton (2018), o envelhecimento é uma provação quando se torna difícil a continuidade do sentimento de si e a qualidade do investimento no mundo, transformando-se em um lento desaparecimento enquanto as forças diminuem, e a saúde começa a definhar. O corpo perde a evidência, torna-se mais opaco e faz-se ouvir de um modo mais lento, sofrido e inexistente. Reconhecer-se é uma tarefa desconfortável. O rosto se torna estranho e a diminuição das performances colabora para um abrandamento de si. Uma série de pequenos lutos na relação com o mundo constroem novas subjetividades.

Algumas vieram conversar comigo, em particular, me contaram sobre suas perdas... Uma filha falecida, outra que se mudou para longe, uma nora que também faleceu... Sem que eu perguntasse nada elas quiseram me contar, partilhar um pouco dessas histórias. (DC 2, 06/05/17).



A morte dos sujeitos que as cercam fomenta o medo e a angústia de perder a vida. Muitas ficam caladas e parecem sentir profundamente essa dor, outras tratam de mudar de assunto, optam pela negação e desviam desses obstáculos do pensamento, buscando distanciar-se da identificação com tais acontecimentos. Seus cotidianos são permeados por pequenas mortes que também as assustam e apontam para a perda do sentido da vida, esse assunto recorrente entre as mulheres do coro. Padrões estéticos e condições físicas para a realização de algum movimento são preocupações contínuas, a finitude ronda tudo o que se faz (DC 26, 18/09/2018).

[...] comentaram sobre o encontro de uma delas com uma colega que está em um lar para idosos, todas, consternadas, queriam notícias [...]. Disseram que ela estava muito mal, que quase não reconhece as pessoas e que necessita de visitas. (DC 6, 21/03/18).

Era aniversário da professora, que recebeu flores e foi homenageada, uma delas lhe disse: 'Que possas ficar muitos e muitos anos conosco...', outra cantora disse: 'Ela pode ficar, mas nós vamos...' (DC 13, 09/05/2018).

A ideia de desapegar-se de antigas possibilidades configura a ideia de que perdas relacionadas às capacidades fisiológicas, da aparência e da vitalidade são cruciais na sensação interna de que se está envelhecendo e, por consequência, da visão que o mundo tem do sujeito que envelhece. Cardec (2012) apresenta essa ideia a partir da noção de registro orgânico, quando se remete às debilidades de saúde; o registro da aparência, relacionado às dimensões plásticas do corpo e o registro de energia, que se direciona à diminuição da disposição e bem-estar. O autor salienta que a sociedade busca fugir e afastar os registros desse declínio, exercendo um "trabalho" sobre o próprio corpo que envelhece, tanto por meio de investimentos físicos quanto simbólicos.

O mesmo autor traz a teoria do desapego, como um afastamento recíproco das pessoas que envelhecem e a sociedade, buscando uma adequação da vida quando se defrontam com as dificuldades crescentes e novas limitações funcionais. A consciência da própria finitude e da morte configura o abandono de atividades e relações, criando um processo ativo de reconversão de interesses, intencionando a manutenção de formas de apego com o mundo.



Em inúmeros momentos, em período de ensaios do grupo, comentários breves sobre “não ser mais jovem” as reposicionam em seus lugares de “velhas”: as que assistem com suas reações de espanto e as que vivem seus corpos nessa velhice cantada. Os assuntos costumam iniciar com a introdução: “quando eu era jovem...”, “antes eu fazia melhor...”, “agora é diferente...”.

Esses aspectos introdutórios de suas falas parecem deslegitimar as capacidades de seus corpos no momento em que vivem. A vitalidade faz falta, o que é compreensível, tendo em vista o esforço que imprimem para realizar seus desejos na Arte e na vida. Mas seria possível uma identificação confortável com a velhice?

Na hierarquia global contemporânea, a identificação com a velhice não parece passível de aceitação. A valorização da juventude e a necessidade quase que incontrolável de modificar a aparência, de regredir no tempo, deixam grandes lacunas acerca do envelhecimento. Novas terminologias foram criadas buscando ações menos discriminativas, projetos sociais, intervenções sobre qualidade de vida, o que nos leva a pensar sobre as significações atribuídas pelos sujeitos que envelhecem nesta etapa da vida.

A precariedade da carne, a falta de resistência, a imperfeição na apreensão sensorial do mundo, o envelhecimento progressivo das funções e dos órgãos, a falta de confiabilidade de seu desempenho e a morte ameaçadora, esse imaginário do descrédito censura o corpo por sua pouca influência no mundo (LE BRETON, 2006). Os corpos das mulheres velhas atestam, aos poucos, esse descrédito.

Ao passo que os olhares que recebem são para suas rugas, excesso de peso e andar pausado (NASCIMENTO, 2011), o mundo direciona sua atenção às jovens. A ideia de que juventude é sinônimo de beleza interfere na construção dos corpos destas mulheres, transformando suas vidas em uma constante “corrida contra o tempo”, estimuladas pela indústria estética. Os olhares sobre si mesmas são reelaborados e a busca por novas práticas corporais é constante.

Nascimento (2011) nos leva a pensar que o fato de que elas assumem a velhice não significa dizer que o façam sem dificuldades. Em nossa cultura ser mulher tem a ver com “ter” um corpo. E este deve estar suspenso no tripé saúde-beleza-juventude. O corpo das mulheres sofre os efeitos do tempo, porém, mais que



As mulheres do coro revelam nuances de pertencimento ao grupo social que se encontram. Dizem-se velhas e constroem suas identidades de formas cambiantes. Nessa perspectiva, cabe questionarmo-nos sobre como determinada característica passou a ser reconhecida, significada como marca definidora de identidade (LOURO, 2001) e, ainda, o que está em oposição a essas marcas, tendo em vista que a diferença e a identidade são interdependentes.

Para Silva (2009), a identidade cultural é um agrupamento de características pelas quais os grupos se definem. Aquilo que eles são é inseparável daquilo que eles não são. As características que os fazem diferentes de outros definem sua identidade, o que torna a identidade e a diferença inseparáveis.

Ao identificarmos os sujeitos em diferentes gerações, podemos perceber uma imersão em uma cultura que nos impulsiona a pensar/ser/existir de forma semelhante a nossos pares. Quando observamos culturas diferentes da nossa, deparamo-nos com ideias muito diversificadas em relação aos sujeitos envelhecidos. Estudos relacionados ao envelhecimento elaboram alguns apanhados sobre situações históricas desta etapa da vida. Contudo não descartam as lacunas geracionais estimuladas pelo mundo globalizado, que classificam e distanciam os sujeitos velhos do convívio com seus pares.

A velhice não pode ser mascarada, escondida. Ela está na carne, no afastamento ou distanciamento social e de si mesmo. Enquanto o jovem vive com o sentimento de ampliar suas relações com o mundo, em um tempo que lhe parece longo, a pessoa em idade avançada se vê no caminho contrário: contabiliza perdas e sente a irreversibilidade desse processo. O sentimento de identidade se transforma no sentido da reestruturação daquilo que era importante e desapareceu (LE BRETON, 2018).

Nesse sentido, a participação no coro Canto e Vida distancia as mulheres desse esvaziamento de significados. Arrisco pensar que elas não buscam o que já passou e tampouco se apoiam nos tempos que virão: atuam no presente, na brecha de tempo que abrem dentre as negociações identitárias do pertencimento a esse grupo.

Bauman (2005) pondera que, no mundo de individualização em que vivemos, as identidades são bênçãos ambíguas, oscilando entre o sonho e o pesadelo. Na



maior parte do tempo, as identidades coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência. A identificação é também um fator de estratificação: em um dos polos, estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade; no outro polo, estão aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito a manifestar essa preferência, que são oprimidos pela imposição de outros.

Quando se é velho, as marcas e perdas são aparentes e direcionam os olhares do mundo para um padrão classificatório de que não se pode escapar. Mesmo que deslizemos para fora das lógicas deterministas, os reposicionamentos sociais são inabaláveis quanto aos sujeitos avançados na idade. Em momentos de prática, é possível percebermos esses movimentos que as direcionam para fora da centralidade dos tidos como aptos:

Ensaíamos passo a passo, sentadas na cadeira repetiram os movimentos tentando lembrá-los. Uma estava com dor de garganta e pouco se mexeu, outra (que usa muletas) tem andado meio cabisbaixa, percebo que está mais fraca e desanimada. Hoje estavam apenas 36 delas, pareciam preocupadas com tantas faltas. (DC 16, 23/05/2018).

Para mulheres velhas, a legitimação das identidades não ocorre sem tensões. Admitir-se velha denota um processo complexo. No lugar da velhice, para elas, é difícil posicionar-se; a beleza, de acordo com seus padrões, já não está mais; o corpo não veste mais os significados que lhes cabiam. Conservam cristalizações de uma construção cultural, que lhes tolhe a espontaneidade, transitando entre o acolhimento dessa ideia e o desconforto com os estereótipos que lhes são atribuídos.

Podemos pensar que as mulheres envelhecidas são o corpo, nele vemos inscrita uma narrativa pessoal. Vemos a possibilidade de retrabalhar ou conservar os episódios das personagens rebaixadas pelo indivíduo, construindo, pela exposição da aparência. Operações de visibilidade que atestam uma definição de si, reduzindo a identidade a um permanente autocomentário (LE BRETON, 2012).

Esses corpos demonstram vontade de um pouco de espaço, de mais tempo e mais vida. Movem-se com uma aparente ansiedade de acertar sempre, a ideia de



Em presença de outros, são incluídos na sua atividade sinais que acentuam e configuram fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos, a atividade tem de se tornar significativa para o outro. Ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir (GOFFMAN, 2014).

Agradar, mobilizar e surpreender quem as assiste é uma meta declarada por elas, empenham-se muito para esse momento, pensam em cada detalhe de sua aparência para o dia de estar frente ao público. Vestem o corpo da velha que parece jovem, que vive a vida intensamente, que inspira e não sofre.

Deixam para trás seus desencantos, suas dores e colocam-se no teatro, como artistas que têm algo maior em que centrar suas energias, o grande propósito de viver a Arte. Nada fica maior do que o momento da cena, tudo o que é preciso está ali, com elas, seus corpos e memórias neles inscritas. Elas dançam, cantam, atuam... Criam suas velhices idealizadas, reajustadas ao contexto contemporâneo. Suas performances diárias nos processos de relação com a música podem trazer à superfície as camadas mais profundas de significação de suas vidas.

Seus corpos são atravessados por discursos que formam uma teia que as constituem. Romper essas linhas é um processo de resistência que as faz deslizar para fora dos marcos destinados à sua idade, à religião e às normativas de gênero que estão entranhadas, corporificadas nelas. Ser mulher é o “nó” que se mostra nessa rede de significações.

Referências:

ANDRADE, S. S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do Século XX. *Movimento*, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr., 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2665>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. *La Vieillesse*. Paris: Gallimard, 1970.

CARDEC, V. Sexagenários e Octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: GOLDENBERG, M. *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.



ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Gramond, 2008.

SANT'ANNA, D. B. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, n. 14, p. 235-249, out. 2000. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635354>>.

Acesso em: 13 jan. 2023

SANT'ANNA, D.B. Beleza. *Jornal Zero Hora*, p. 23, 2 set. 2007.

SIBILIA, P. Imagens de corpos velhos: A moral da pele lisa nos meios gráficos audiovisuais. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.145-160.

SILVA, T. T. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

STIKER, H. J. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBIN, A.; COUTRINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História do Corpo: Da Revolução à grande guerra*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.